

gia, a partir de Saussure (primeiro caso) e "language engineering" (segundo caso). São também tratadas, embora com brevidade, a noção de estrutura social num artigo de Lévi-Strauss, a "operational research" e teoria das filas, bem como as teorias do aprendizado como jôgo dinâmico.

Os capítulos seguintes, os mais puramente lógicos do livro, são por isso mesmo leitura mais árdua para o não-especialista. A tese central do V, "Qualité et quantité", é que a tendência científica atual é de pôr em relêvo a qualidade do objeto, por oposição à qualidade da vivência. E, ainda, que o conceito de qualidade mais e mais se integra no de estrutura. As pesquisas de Lazarsfeld e Stouffer são o principal exemplo tomado às ciências sociais. Granger não hesita em trazer à discussão problemas de matemática pura que importa esclarecer nesse contexto. A noção matemática de estrutura de ordem introduz o tema da estruturação e axiomatização, objeto do capítulo VI.

Neste, o parágrafo 3, "Modèles énergétiques et modèles cybernétiques", propõe uma conceituação de modelo original e extremamente interessante, o sentido e funções da axiomatização nas matemáticas, nas ciências naturais e nas ciências do homem. O princípio condutor da reflexão, aqui, pode ser revelado numa citação: "À medida em que, ao nos afastarmos do paradigma matemático, mergulhamos cada vez mais no domínio empírico e nos aproximamos do paradigma histórico que domina o conhecimento científico do homem, o caráter instrumental e heurístico". Em conclusão, preconiza-se o abandono de uma filosofia da consciência em favor de uma filosofia do conceito.

Ligando-se a essa posição, o capítulo final, "Connaissance de l'individuel", se abre pelo comentário de um texto de Hegel. Mas a *praxis*, que refuta o idealismo, deve dirigir-se ao individual. Mesmo neste terreno não se escapa ao estruturalismo, representado pela psicanálise, como tentativa de configuração clínica. Ressaltando a validade da teoria freudiana, Granger demonstra flexibilidade de espírito. Um tanto inesperada é sua caracterização da história como "clínica sem prática", que certamente causará espécie no país de Marc Bloch, Lucien Fèbvre e Fernand Braudel, para mencionar uns poucos. Também o marxismo, em que se inspira o autor, se coaduna mal com esta posição.

E a Antropologia? Lévi-Strauss, já se disse, detém sua atenção por alguns momentos. Do mesmo modo Kardiner (cujo *status* é ambíguo), é criticado com inteligência, se bem que de passagem. Quem se abalança a escrever uma obra de escopo tão vasto tem o direito, é evidente, de limitar-se como bem lhe parece. Mas, nas conclusões finais, lê-se esta passagem: "...nosso ensaio levanta a pretensão... de tomar lugar nessa disciplina do futuro, que seria uma "poiémática", ao mesmo tempo ciência, história e filosofia das *obras* humanas". (pág. 214). Ora, a "Scienza Nuova" de Vico, publicada pela primeira vez em 1725, e constantemente refeita até 1744, é uma filosofia da "poiética", entendida como capacidade criadora do homem que forja sua história. Os cem anos que medeiam entre L. H. Morgan e Lévi-Strauss viram nascer e desenvolver-se uma ciência das obras humanas, cujos resultados não são de todo negligenciáveis. (Ou, pelo menos, seria necessário provar que o são). Neste campo, pois, o Prof. Granger é um arauto que anuncia um cortejo já em marcha há séculos.

*Ruy Coelho*

MARGARET CLARK: *Health in the Mexican-American Culture: A Community Study*. 253 págs. The University of California Press. Berkeley e Los Angeles, 1959.

Nos últimos anos, principalmente, tem-se intensificado a colaboração entre médicos e antropólogos, com a participação destes últimos em debates, conferências, congressos e cursos sobre problemas de saúde pública, paralelizando um movimento de extensão da

assistência médica a áreas que, até há pouco, haviam permanecido isoladas também quanto aos benefícios da medicina científica. Acreditamos que a poucos médicos em contacto com a realidade que se visava transformar no tocante à saúde houvesse escapado que os conhecimentos científicos relativos à causação, profilaxia e cura das moléstias não podiam criar, por si e para si, vias de comunicação com as populações visadas passando por cima de outras vias de comunicação que lhes abrissem perspectivas novas de vida e de integração na sociedade mais ampla. Em outras palavras: que o isolamento mental era fruto de um isolamento mais inclusivo, geográfico e econômico. Na busca da colaboração do antropólogo ou do sociólogo está implícita a necessidade de compreensão, que se fêz sentir, das barreiras que se interpõem ao livre fluxo das idéias, à comunicação dos médicos e do "staff" médico com as populações rústicas, barreiras que decorrem da persistência da medicina de "folk", entrosada, por sua vez, num todo cultural mais amplo, dentro do qual essas crenças e práticas médicas desempenham funções sociais que transcendem o seu significado aparente e imediato.

O presente trabalho, dentro desta linha de colaboração e abordagem, se propõe sugerir a um auditório de encarregados da saúde pública uma série de medidas visando ao melhor aproveitamento dos seus serviços pela comunidade a que servem. Partindo da proposição de que o significado e a função das crenças e práticas de "folk" relativas à saúde e à doença só podem ser entendidos no contexto sócio-cultural de que fazem parte, apresenta não só um quadro detalhado da cultura mexicano-americana da comunidade, como também os aspectos implícitos do comportamento, as premissas não-formuladas que norteiam a conduta de seus membros e que são responsáveis pela persistência daquelas práticas e crenças, malgrado as alternativas "civilizadas" ao seu alcance.

O trabalho de campo foi realizado numa vizinhança ou bairro (*barrio*) denominado *Sal si Puedes*, constituído de 70 famílias de língua espanhola e ascendência mexicana, na comunidade de San José, Vale de Santa Clara, norte da Califórnia. Embora se trate de um bairro urbano, *Sal si Puedes*, na qualidade de um grupo minoritário encravado numa comunidade mais ampla, de língua inglesa, se ressentia das características de isolamento a que nos referimos (cf. págs. 162-163), perpetuando-se enquanto grupo biológico através da chegada de novos imigrantes mexicanos, que vão ocupando os vazios deixados pelos que se assimilam e abandonam a vizinhança (cf. pág. 238), e enquanto grupo étnico, através da conservação de padrões culturais da terra de origem. Pretendendo descrever os conflitos nas relações entre essa minoria e a equipe encarregada de assisti-la do ponto de vista médico, relações nas quais, por vêzes, "as diferenças culturais conduziam ao desentendimento, ceticismo ou temor" (pág. 2), a Autora, seguindo um modelo mais ou menos clássico de monografia antropológica, dedica a maior parte da obra à apresentação pormenorizada dos aspectos históricos e geográficos do Vale, constituição de sua população, padrão de vida comunitária, língua, alfabetização e educação, padrão de vida, vida religiosa e vida familiar, para terminar com um capítulo sobre a saúde e a moléstia e outro, de sugestões práticas visando a facilitar a aculturação neste setor particular da cultura.

Além de constituir uma contribuição ao estudo das populações mexicanas nos Estados Unidos (a Autora reconhece que, apesar de atípica, muito se pode aprender dessa comunidade quanto às outras de língua espanhola, "porquanto é em áreas semelhantes que milhares de trabalhadores migrantes mexicanos estabeleceram seus primeiros lares na Califórnia, depois de haverem vagado durante anos de lugar a lugar 'acompanhando as colheitas'" (pág. 44), o presente trabalho o é também para o campo específico a que se propôs. Uma vez que o tratamento de uma moléstia depende

da teoria etiológica a ela associada, tanto as crenças relativas às causas, como as relativas à terapêutica são discutidas segundo uma tipologia estabelecida pela Autora. Os depoimentos pessoais, que permeiam toda a obra, revelam grande intimidade com a população estudada, permitem evidenciar como a cultura condiciona a própria percepção da moléstia e a reação a ela, e, sobretudo, na contribuição mais importante da obra, as funções sociais desempenhadas pelos conceitos tradicionais de saúde e doença numa série de áreas críticas das relações intra e intergrupais da comunidade.

Desta forma, abre-se uma pista à compreensão da persistência das crenças e práticas da "medicina de folk", porquanto elas continuam a desempenhar funções, para o grupo em seu conjunto e para seus membros individuais, solapando, por vezes, programas que, na sua elaboração, não contam com estes aspectos implícitos e multifuncionais do comportamento explícito. Entre estas "Funções Sociais da Doença" (págs. 194 e segs.), Margaret Clark ressalta: representar papel vital na estabilização das relações sociais dentro da comunidade, dar publicidade e punir delitos sociais, fornecer mecanismo de escape para a desaprovação social, oferecendo justificação para uma expressão de comportamento de outra forma não-sancionado, representar um meio de dramatizar, para os outros, as más conseqüências da mudança cultural e de defender os "modos tradicionais". Inferindo cada uma dessas funções de casos concretos, a Autora confirma a asserção de George M. Foster: "O caráter impregnante da medicina de 'folk', sua vitalidade e auto-suficiência são notáveis. Não se trata de mera coleção aleatória de velhas crenças e superstições. A medicina de 'folk' floresce hoje porque é parte funcional da vida do povo."

*Gioconda Mussolini*

MORTON KLASS: *East Indians in Trinidad: A Study of Cultural Persistence*. 265 págs. Columbia University Press, Nova Iorque e Londres, 1961. (Preço: US\$ 6.00).

Na introdução ao trabalho de Morton Klass, Arensberg aproveita a ocasião para reafirmar sua fé no método de estudo de comunidade, para cujo desenvolvimento destaca o significado da obra de Redfield. Sem dúvida, a contribuição de Robert Redfield neste setor foi de valor incalculável. Mas Klass se inspira sobretudo em Herskovits, como, aliás, o próprio subtítulo da obra já dá a perceber. O problema que aborda é o da continuidade histórica de uma cultura, que persiste quando os membros de um grupo que a encarna se arrancam ao seu meio nativo e se transplantam a um novo ambiente.

Os indianos de Trinidad foram introduzidos na ilha para substituir os negros que trabalhavam nas plantações de cana de açúcar, como "indentured laborers", condição que pouco dista da escravidão. A imigração desses trabalhadores nas colônias britânicas do Novo Mundo se estende por um período que vai de 1833 a 1917. As circunstâncias em que se deu são precisamente documentadas na introdução. Como no caso dos africanos, a conquista da liberdade foi dura, mas não implicou na renúncia à tradição cultural de que eram portadores os imigrantes.

A aldeia de "Amity", que Klass estuda, se distingue pelo alto grau de coesão e integração sócio-cultural; como expressamente o declara, "this community is structurally Indian rather than West Indian" (pág. 3). Todo o livro serve de prova a essa asserção inicial.

Após a introdução, que propõe o problema e discute os antecedentes e as condições atuais do imigrante indiano nas Antilhas, o capítulo segundo apresenta a situação física e o histórico da aldeia, bem como sua configuração no presente e o regime de castas.